

# A Casa e o mundo

O mundo que  
bate a minha porta

É que o Mundo está completamente dentro de mim e eu estou fora de mim mesmo. Portanto era só isso... É evidente que as antigas portas tornavam as coisas mais interessantes para o mundo do espírito. Agora há portas automáticas, abrem-se logo não é? E não permitem a hesitação. Têm esse poder, não é? Elas abrem-se sempre. Eu podia chegar à porta e a porta ser um elemento fundamental para conter o nosso mundo espiritual. Agora não, temos umas portas de vidro, portas automáticas.

uma conversa com Manuel Aires Mateus,  
Vasco Santos e *Musa paradisiaca*.  
+ texto “O Mundo e a Casa” de Homi K. Bhabha

# A CASA E O MUNDO

edição por Luísa Sol e Ana Teresa Ascensão  
a partir da conversa com Manuel Aires Mateus,  
Vasco Santos e *Musa paradisiaca*

**MAM: Manuel Aires Mateus**

**Mp: Musa paradisiaca**

**VS: Vasco Santos**

Este livro foi elaborado a partir de uma conversa entre o Arquitecto Manuel Aires Mateus, o psicanalista Vasco Santos e o projecto artístico Musa paradisiaca no dia 23 de Setembro de 2017 na sede da EDP, no âmbito da Openhouse Lisboa/Trienal de Arquitectura de Lisboa, sobre “A Casa e o Mundo”.

A publicação inclui também o texto “O Mundo e a Casa” (na versão original *The World and The Home*), de Homi K. Bhabha.

1. Homi K. BHABHA, *The Home and the World, in, Dangerous Liaisons: Gender, Nation, and Postcolonial Perspectives*, ed. McCLINTOCK, Anne, MUF-TI, Aamir, SHOHAT Ella, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1997

2. Idem, p.445

3. Homi K. BHABHA, *The Location of Culture*, Londres e Nova Iorque, Routledge, 1994, p.09

4. BHABHA, 1997, op. cit, p.445

Em *The World and the Home*<sup>1</sup>, Homi Bhabha recorre ao conceito freudiano do Uncanny para descrever a desarreigação moderna e pós-moderna do ponto de vista da fronteira. Bhabha associa a dissolução do limite entre o espaço Casa e o espaço Mundo à sensação de se estar num lugar, iminentemente, precível de invasões por realidades alheias, transformando o que é, supostamente, familiar em dúbio. A mobilidade conquistada durante todo o século XX - pelo desenvolvimento dos transportes, pela evolução das telecomunicações, pela expansão do comércio além-fronteiras, pela democratização da viagem e da deslocação do indivíduo, pelo eclodir da globalização, pelo fim do apartheid, pela diluição de algumas fronteiras políticas e pelas dinâmicas pós-coloniais - levou a uma reconfiguração e a uma nova leitura do mundo e do espaço doméstico. O mundo diminui, as distâncias encurtam e a posição do indivíduo e da sua casa é flutuante/deslocada.

A efectivação do mundo-na-casa confirma a inquietante estranheza do estar-entre, fomentando a recolocação da Casa e do Mundo face à condição do indivíduo extra-territorial e transcultural. O estado de Unhomely não corresponde a uma ausência de lar, não consiste no antónimo de “ter uma casa”, nem significa, sequer, ser-se desalojado – “To be unhomed is not to be homeless”<sup>2</sup>. Para Bhabha, Unhomely é a desoladora constatação de que a linha entre a Casa e o Mundo se diluiu, com todas possibilidades e consequências que daí advêm: “The borders between home and world become confused; and, uncannily, the private and the public become part of each other, forcing upon us a vision that is as divided as it is disorienting”<sup>3</sup>. É nesta complexa dialéctica que reside a inquietante incerteza entre o público e o privado. Ambos se expandiram e diminuíram, simultaneamente. Os seus limites ténues, dúbios e voláteis misturaram-se e fundiram-se, re-configurando o espaço doméstico e des-posicionando o indivíduo:

“The home does not remain the domain of domestic life, nor does the world simply become its social or historical counterpart. The unhomely is the shock of recognition of the world-in-the-home, the home-in-the-world.”<sup>4</sup>

Para Bhabha, face à incerteza do posicionamento de fronteiras – que são maleáveis e flutuantes – do período pós-colonial, emancipa-se o lugar que está para lá, permanecendo-se, porém, num perpétuo entre. Esta des-referenciação, baseada na transformação cultural movida pela dinâmica de êxodos migratórios, pela deslocação de grupos étnicos, religiosos e ideológicos, pela itinerância de refugiados e de exilados políticos e pela re-definição de estatutos e fronteiras políticas, está assente na noção exploratória e especulativa do beyond – para lá/paraalém de:

“The ‘beyond’ is neither a new horizon, nor leaving behind of the past (...) we find ourselves in the moment of transit where space and time cross to produce complex figures of difference and identity, past and present, inside and outside, inclusion and exclusion. For there is a

sense of disorientation, a disturbance of direction, in the ‘beyond’: (...) here and there, on all sides, ‘fort/da’, hither and thither, back and forth.”<sup>5</sup>

Bhabha refere, ainda, que este estar-em-trânsito, se repercute numa descontinuidade histórica proveniente de interrupções na memória, na fluidez e na coerência de um quotidiano que só a estabilidade do lugar Casa proporciona. O Aqui transforma-se numa plataforma móvel que flutua entre todas as ambivalências e ambiguidades de interstícios com limites difusos e indefinidos:

“The present (...) [is] not a transcendental passage but a moment of ‘transit’, a form of temporality that is open to disjunction and discontinuity and that sees the process of history engaged, (...) in a negotiation of the framing and naming of social reality – not what lies inside or outside reality, but where to draw (or inscribe) the ‘meaningful’ between them”<sup>6</sup>

O mover-se para além – to move beyond -, é o impulso e a resignação a uma aflitiva estagnação no entre. O Unhomely é esta permanência a-meio-de-alguma-coisa onde todos os movimentos para lá-e-para-cá, para dentro-e-fora, para aqui-e-acolá, para trás-e-para-a-frente são tentativas (ainda que incertas) de transpor a ambígua fronteira do-que-vem-a-seguir:

“Our existence today is marked by a tenebrous sense of survival, living on the borderlines of the ‘present’, for which there seems to be no proper name other than the (...) ‘post’: ‘postmodernism’, ‘postcolonialism’, ‘postfeminism’,...”<sup>7</sup>

Ampliando a transitoriedade e desarreigação do Mundo assim como a itinerância e des-familiarização do lugar Casa, a fusão do Mundo com a Casa re-posiciona e re-significa o lugar de e para ambos.

Foi sobre esta permeabilidade que se propôs uma conversa no Open House Lisboa 2017, Trienal de Arquitectura, entre o entre o Arquitecto Manuel Aires Mateus, o projecto artístico Musa paradisíaca e o Psicanalista Vasco Santos.

Na tentativa de trazer o Mundo para a Casa e no âmbito de um evento que pretende Abrir Casas, houve a intenção de reunir e discutir as interpretações e ideias de três oradores que têm em comum pensar assiduamente a Casa e o Mundo com abordagens, ferramentas e finalidades muito distintas e muito comuns.

Nesta edição estão compiladas as perspectivas indiciadas por todos os intervenientes, sobre as questões levantadas, entre outras possibilidades, pelas turvas relações de proximidade/distância, dentro/fora, doméstico/estrangeiro, Casa e Mundo.

Luísa Sol

5. BHABHA, 1994, op. cit, p.01

6. BHABHA, 1997, op. cit, p.448

7. BHABHA, 1994, op. cit, p.01

ter  
(os olhos)  
na  
boca  
)

*Ter os olhos na boca, Musa paradisiaca*

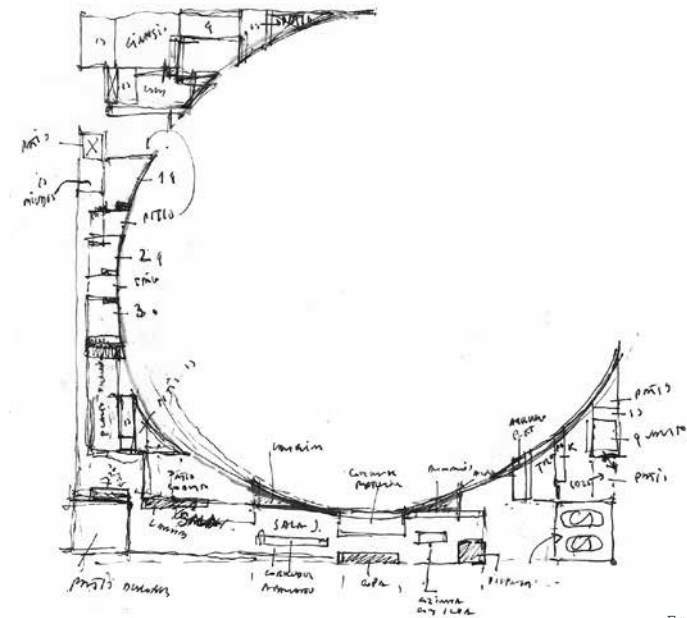
# A CASA ACA- BADA

## *Quando sente que a Casa está “acabada”?*

MAM: A Casa nunca está acabada. Nós podemos acabar a Casa, ou o Tempo pode acabar a Casa. A Casa em si, não se termina.

Não é o trabalho de um arquitecto acabar a Casa.

E a arquitectura na sua história, na história em que todos vivemos, compreende-se que arquitectura que é verdadeiramente estimulante, deixa sempre essa cota de liberdade. Quando a arquitectura se transforma numa questão pragmática, de resolver todas as questões que são postas num determinado momento, ela acaba sempre por ser redutora. O que nos interessa é que a arquitectura é sempre um pretexto para abrir possibilidades, e nunca um fechar, um acabar. Portanto a Casa é acabada quando é habitada ...



Esquisso da Casa  
na Costa Alentejana,  
Manuel Aires Mateus





*Portanto a casa  
é acabada quando  
é habitada* [Manuel Aires Mateus]



Alma-Bluco, Musa paradisiaca

## Quando é que sente que a Casa começa a existir?

<sup>vs:</sup> Em psicanálise precisamos de uma fronteira para o íntimo. Sem isso não seria possível termos uma relação com o exterior. Freud num texto de 1933, que ele chamou “Novas Competências Introdutórias à Psicanálise”, fez uma criação, mas depois era um homem pessimista e foi tendo muitas dúvidas sobre o seu projecto, tanto mais que o projecto do Freud não foi apenas um projecto clínico, foi um projecto meta psicológico, isto é, de estender, da psicologia individual para a hermenêutica da cultura. A psicanálise é sobretudo a hermenêutica da cultura, senão eu não poderia estar aqui. É portanto uma interpretação da Cultura e é um pilar da Modernidade. É um adquirido universal, mesmo que se possa pôr em causa, como hoje o pensamento liberal e o capitalismo, o homem-trágico em prol do homem comportamental (comportamental quer dizer sempre eficiente, e o homem trágico tem contradições, tem sonhos, portanto... não é muito rentável, não é?).



Em psicanálise precisamos de uma fronteira para o íntimo. Sem isso não seria possível termos uma relação com o exterior. Freud num texto de 1933, que ele chamou “Novas Competências Introdutórias à Psicanálise”, fez uma criação, mas depois era um homem pessimista e foi tendo muitas dúvidas sobre o seu projecto, tanto mais que o projecto do Freud não foi apenas um projecto clínico, foi um projecto meta psicológico, isto é, de estender, da psicologia individual para a hermenêutica da cultura. A psicanálise é sobretudo a hermenêutica da cultura, senão eu não poderia estar aqui. É portanto uma interpretação da Cultura e é um pilar da Modernidade. É um adquirido universal, mesmo que se possa pôr em causa, como hoje o pensamento liberal e o capitalismo, o homem-trágico em prol do homem comportamental (comportamental quer dizer sempre eficiente, e o homem trágico tem contradições, tem sonhos, portanto... não é muito rentável, não é?).

E portanto, o Freud dizia que o Ego... vamos dizer o “Eu” tem dois adversários: um é o adversário interno, que é o recalcado, o outro é o adversário externo. E digamos a nossa vida mental é um conflito e uma mobilidade entre estes dois adversários poderosos. É evidente que este tema (que tem a ver com os estudos pós-coloniais), coloca questões também da Identidade e Diferença, porque não há Identidade sem Diferença.

Portanto, a questão da Casa: nos sonhos, a questão da Casa é o elemento mais constante, há poucos elementos simbólicos nos sonhos; há o corpo humano, há os pais, há os filhos, há a morte, mas a Casa é o elemento mais constante. É muito interessante porque quem trabalha com crianças (eu trabalhei com miúdos a partir dos 6 anos), trabalha muito com o desenho infantil, e no fundo, nos consultórios estamos sempre a falar com desenhos infantis só que agora é com palavras. E dizemos, “oh Manuel, hoje vamos fazer um desenho da tua imaginação”, é quase seguro que 90% dos miúdos começam por fazer uma casa.

Se estão muito angustiados é uma casa com fumo a sair, ou então sem uma porta ou sem umas janelas, etc. Portanto, o elemento da Casa é um elemento constante. O Freud, temos de situá-lo na época, falava da Casa como uma coisa feminina, apareceria porque a casa seria uma entidade feminina, a habitação, e portanto, seria a gestação, a primeira gestação do ser humano. O ser humano tem duas gestações, uma dentro e outra fora. Somos os únicos animais que temos infância, e uma infância muito longa. É por isso, aliás, que há psicanálise, é porque a criança é o pai do adulto. E portanto, o Freud dizia que, enfim, o interior da mulher é, portanto, a habitação, e ele depois estendia isso para a ideia de Cidade, de ruína, de fortaleza, etc.

Mas eu interessa-me mais ver a Casa, do ponto de vista, digamos, poético. E nesse aspecto, o caso com Bachelard é melhor na “Poética do Espaço” ao falar da casa onírica. Há uma Casa que é uma Casa da Imaginação. Seja a Casa do Paraíso (ele chama-lhe inclusivamente, A Casa do Paraíso), que é a Casa da Infância ou a Casa que nós durante quase toda a nossa vida, imaginamos que vamos ter. E não temos.

E Bachelard propõe uma topo análise, em vez de psicanálise, topoanálise. Portanto a Casa será o espaço do íntimo, dos nossos conflitos internos, será um não-Eu que acolhe o Eu.

E portanto, é o espaço das nossas memórias, das nossas lembranças, mas também dos nossos conflitos internos. A casa que mais vem à memória nos nossos sonhos, é a nossa casa de Infância.

Posto isto, para entrar numa perspectiva mais psicanalítica, que a do Bachelard, eu diria que .... Achei curiosa a pergunta: “Quando é que sente?”. Não perguntou quando é que eu penso... que seria a pergunta mais lógica. E eu penso que está certo. Porque de facto, para um psicanalista é mais importante o “Habitar”, a habitação do que a casa. Porque a habitação, o habitar, tem uma dimensão mental, para além de material e técnica, porque tem uma dimensão de experiência, o “Habitar”.

O habitar é um conceito que me interessa mais nesse aspecto, o conceito de Lar, do que propriamente o conceito de Casa.

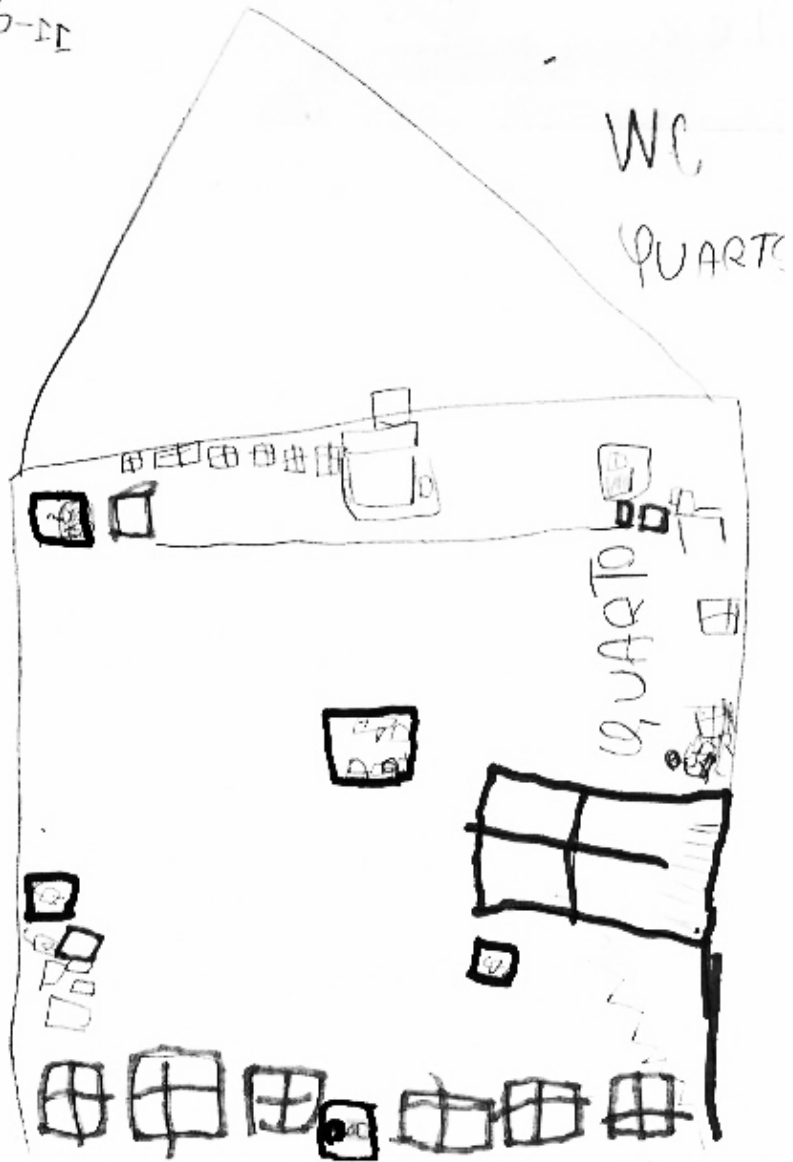
Indo um pouco mais longe... quando é que sente que a Casa começa a existir? Eu estou a puxar isto ara o meu modelo, que é um modelo limitado. Eu diria que nesse aspecto, talvez a primeira Casa seja o seio materno. E porquê? Porque o seio não é apenas um seio que alimenta... que dá leite, que alimenta o seu bebé. O bebé quando nasce, nasce já com uma expectativa, uma espécie de pré-concepção para se alimentar. E portanto, o seio é também um lugar de acolhimento, mas não é apenas um acolhimento para a mãe, é o acolhimento para se inserir na Humanidade.

E portanto, a primeira Casa, quanto a mim é o seio, numa perspectiva obviamente discutível, é o seio como entidade simbólica, não é o seio “mama”. Que na psicanálise tem muita importância.

Eu de uma maneira assim, um bocado atabalhoada, diria que a primeira casa é isto. Quanto à ideia do estranho, para a psicanálise, vocês no domínio arte e na estética vão muito ao texto do Freud de 1919, o Inquietante. Esse texto é interessante porque ele mostra que o conhecido, o familiar, encerra também, algo de obscuro, de secreto. E portanto ele vai desenvolvendo o texto através de coisas que nos acontecem... os meus consultórios, nos últimos anos, são sempre no 5º andar... mas porque é que é sempre no 5º andar? Ou, nós os portugueses temos .... pensamento mágico. E encontramos sempre coisas estranhas em coisas que nos são familiares. Portanto, o desconhecido em psicanálise, está no conhecido. No fundo, o desconhecido, o estranho, é o retorno do recalcado. Porque o nosso comportamento é sempre um comportamento lógico de repetição, porque estamos a repetir experiências de alguma forma primitivas. Precozes, Primitivas, primárias. É porque temos um destino infantil que nos marca.

A psicanálise é um pouco como a arquitectura. É uma coisa que nunca acaba. Mas a arquitectura é anterior.

10/2018-06-II  
HA CASA  
ALAA



*“...hoje vamos  
fazer um  
desenho  
da tua imagi-  
nação.”*

[Vasco Santos]

# sentir- sem casa

## Onde é que os Musa paradisiaca se sentem em casa?

<sup>Mp:</sup> A prática artística, possa eu falar da minha prática artística, passa muito por eu acreditar que nunca estou sozinho e que para além disso, nunca posso estar sozinho. E passa Sobretudo por acreditar, também, que eu sou mais quando estou com Outros e que posso estar nos Outros. E é este grande salto de fé, que exige uma prática que me faça ver para além dos meus próprios os limites corporais a encontrar nos outros semelhanças, que façam ser mais e não menos, que faz com que a nossa prática exista, sobretudo, numa ideia de parceria contínua. E numa ideia de estar nas coisas. Ver, Ser e Estar nas coisas. Ser as coisas, e não apenas ser acompanhado por elas. Portanto a ideia de habitar ou de encontrar uma Casa nos outros, parte muito de um princípio que nós temos vindo a encontrar, ao longo do tempo em que temos trabalhado juntos, numa ideia da impropriedade do pensamento.

[Miguel Ferrão]

Pelo facto de sermos dois, a nossa prática artística tornou-se uma espécie de exteriorização exagerada que tem apenas razão para nós podermos continuar a sobreviver e a pensar. A prática é uma espécie de um resíduo de um diálogo que não pode ser claro, não é feito para ser claro, mas que ainda assim deve ter vida suficiente para engendrar uma outra vida. E nesse aspecto tem tanto a ver com a concretude psicológica nossa (minha e do Miguel) ou com a concretude física do lugar que habitamos. Mas mais com a saúde ideológica da nossa relação. Entre nós e com outros, com quem trabalhamos. Para ser mais prático isto resulta em conversas que são gravadas, resulta em esculturas que são feitas, em filmes... depois a exterioridade, muitas das vezes, tem o seu caminho próprio. Mas o que está na base de tudo isso, é a noção de que aquilo que eu penso não é meu, aquilo que nós fazemos é investir num pensamento até que ele manifeste um desejo qualquer, e que tenha de existir.

[Eduardo Guerra]

Por isso é que nós, Muitas vezes, falamos em.. mais do que uma comunidade, mais do que um grupo, ou de uma sensação grupal, há uma espécie de família, de afinidades, que aqui nasce, quem tem vindo a ser criada quase ao longo destes quase 10 anos de trabalho. E que vai para lá do ponto de vista das relações profissionais, na verdade, uma relação de habitação continuada, inter-par, e esta é uma relação que nunca se fixa. Nunca será a mesma ao longo do tempo. Portanto, no fundo, habitamos os outros.

[Miguel Ferrão]



Casa-anima1, Musa paradisiaca





# Projectar a casa no Mundo

## Projectar uma Casa é re-escrever o Mundo, ou inscrever o Mundo?

MAM: Projectar é uma coisa que está muito perto, tem muito a ver com escrever... construir a ideia de casa, está tão perto de nós como a escrita. Toda a gente escreve, toda a gente é capaz de redigir um recado e outras coisas mais elementares e toda a gente é capaz de imaginar uma casa.

E a Casa é talvez o programa, nesse sentido, por excelência em arquitectura porque está mais perto de nós. Mas se todos nós podemos escrever, todos nós podemos também fazer uma Casa... o problema da arquitectura não tem a ver com fazer a Casa, tem a ver com, conferir à casa outros valores, como na escrita, não é?

E quando nós pensamos na Casa, a Casa é uma coisa muito banal, porque todos nós sabemos o que é uma porta, sabemos o que é uma janela, sabemos o que é um tecto e experimentámos, na verdade, muito essas condições.

Aliás um dos problemas que se põe hoje em dia no ensino da arquitectura, em coisas tão pequenas como o que é uma porta, é evidente que tentamos passar o manual do que é uma porta, se o aluno for inteligente, o que faz imediatamente é reconhecer a sua experiência sobre a ideia da porta, que é muito mais rica, obviamente, do que aquilo que podemos passar.

Portanto, quando estamos a falar de desenhar uma casa, estamos a falar de um gesto que pode ser entendido como uma enorme maioria, ou pode ser entendido como uma tentativa de re-significação, de re-definição de muitas coisas.

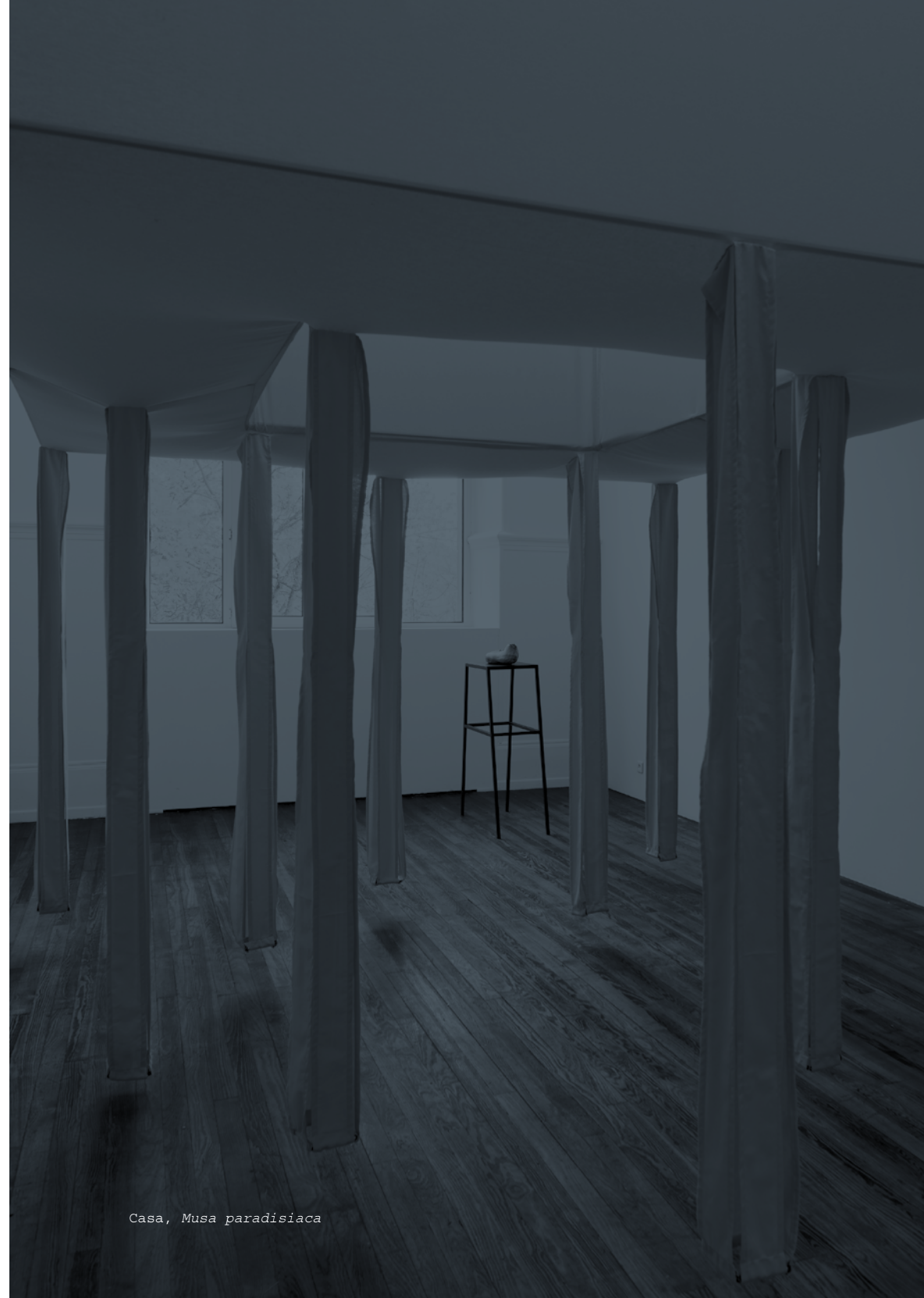
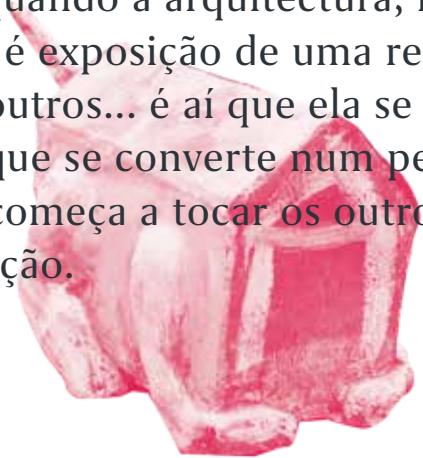
Eu tenho para mim que o gesto banal, não é o gesto de arquitectura, o gesto da arquitectura é aquele que tenta voltar a dar um significado. Não é por acaso que nós agora, em arquitectura, talvez a palavra que mais usemos, é a palavra Memória, e eu penso que é interessante a ideia da palavra Memória. Uma espécie de memória afectiva, que pode transformar o sentimento que eu tenho sobre as coisas. E isso é que fará a grande diferença na arquitectura e no desenho de Casa. Eu penso que o nosso papel é conferir, na verdade, possibilidades de leitura, a outros que estejam para lá da leitura do imediato. Nós temos que imaginar que a porta que desenhamos, conferirá uma sensação de pertença e de experiência, e de reconhecimento, a quem a vai utilizar para lá da simples ideia de porta. Esse é o nosso trabalho e essa é a nossa descoberta. O que é que a pessoa vai sentir num futuro, na sua utilização.

E esse é o verdadeiro trabalho de desenhar arquitectura.

nós associamos à Casa a ideia de interior, de conforto, da nascença, dos sonhos, essa ideia que é um lugar de pertença. É uma ideia que me interessa muito, e

que eu acho que é muito clara, que é esta ideia de semear a partir dessa ideia de pertença. Eu acho que a arquitectura se pode estender, não só para a casa, também porque às vezes tenho a sensação que nós estamos sempre a desenhar a Casa.

A arquitectura deve desenhar para uma predisposição para as coisas e a partir daí, nesse sentido, desenha a partir de dentro. Eu muitas vezes ouço dizer a partir do espaço, mas não é o espaço... nós não desenhamos o espaço e depois cobrimos o espaço, não é isso que interessa, é desenhar a partir da possibilidade de percepção, não é o interior, não é só a inserção do edifício com a cidade, ou com a natureza, é também o interior... este grau, a intimidade do interior. Eu acho que é aí que a arquitectura pode fazer a diferença, é quando a arquitectura, nesta maneira como ela é exposição de uma relação, ela pode tocar os outros... é aí que ela se converte em arte e é aí que se converte num pensamento maior e é que começa a tocar os outros e a criar essa predisposição.





**O  
MOLDE,  
a  
COISA  
e o  
MUNDO**



*Capela, Musa paradisiaca*

**Vocês falaram-me da importância do molde. De como mantêm sempre os moldes das peças que fazem, quando a peça vai para a galeria ou para o museu. Neste contexto de diluição de Casa e de Mundo e , portanto, de invólucro, o molde é um entre, o que está, eu diria, não entre a casa e o mundo, mas entre a coisa e mundo. Porquê conservar os moldes convosco, no vosso atelier?**

<sup>Mp</sup>: O objecto é essencial para nós, nas suas varias dimensões, o objecto físico, o objecto linguístico, o objecto vivencial, o objecto é aquilo que se transporta e nesta prática nós transportamos uma série de coisas. Uma série de estruturas de pensamento que nos são trazidas e oferecidas, bom... tudo aquilo que já introduzimos há pouco. No entanto, há mais para além destes objectos. Para nós, os objectos, por muito que sejam essenciais de fazer, e de ter, e existem se calhar num tempo muito diferente do da arquitectura, de um tempo que é um tempo.. eu não diria efémero, mas diria transmutável, há uma ideia de transmutabilidade nestes objectos que fazemos. Eu incluo-me em tudo o que acabei de dizer sobre objectos, porque as coisas transferem qualidades de umas para as outras.

[Miguel Ferrão]

Em relação especificamente ao molde, eu acho que é interessante falarmos no molde porque estamos aqui no terreno das formas... do conteúdo, da forma, e.. de algum modo, se podemos falar de alguma coisa é de escultura. Trabalhamos com vários meios, mas a escultura tem sido das práticas mais visíveis. E há varias coisas que nós podemos dizer sobre o molde e, se calhar, à semelhança do que se estava a dizer há pouco em relação ao desenho, a desenhar espaços... o

molde é para nós uma espécie de... o molde vem antes do desenho, e tendemos a imaginar o molde como forma de, uma tecnologia, ou uma forma de... roubar a superfície do mundo, como.. se nós pensarmos mesmo em termos físicos, não há nada que não esteja em contacto, não há nenhum elemento que não esteja em contacto com um outro, nenhuma partícula que esteja desencostada, se quisermos. E o molde põe isso em evidência de uma forma muito forte e importante para nós.

Isto leva-nos para uma ideia que nós costumamos falar dela e desenvolvê-la, que tem a ver com uma ideia de afectividade das formas, porque se as formas estão sempre encostadas umas às outras, há uma espécie de enamoramento formal entre todas as superfícies, uma espécie de relação quase erótica entre os elementos, eles estão sempre em contacto.

[Eduardo Guerra]

Menos do que acumuladores, somos mais guardadores, e os moldes, o que nos permitem é retomar uma conversa com determinada forma ou conjunto de qualidades, com determinado sonho vívido, como nós dizemos, em relação a estes exemplos que usamos, mas isso pode ser refeita, re-introduzida, re-vivida, re-estruturada, portanto, o princípio do molde é sempre um princípio de versão, versão estabilizada sobre determinada coisa, a sua estabilização é temporária e existe num momento específico porque tem que existir. Quando for novamente necessário chamá-la ao espaço, chamá-la à vida ela terá outra forma de ser. Porque passou tempo, porque ... portanto, o molde fica connosco para que as coisas não fiquem caladas. O resto, para nós, é-nos completamente indiferente. Vai, para onde tiver que ir. É muito pouco importante para nós, guardar objectos connosco, mas sim a sua casca.

Os moldes ficam em casa, são a casa das coisas e ficam sempre em casa. São casas... provavelmente daqui a 20 anos haverá moldes a mais... mas a casa será sempre a mesma.

[Miguel Ferrão]



Casa de Monsaraz, Manuel Aires  
© João Guimarães

**A FENDA  
COMO METÁ-  
FORA as palavras  
e “o-que-está-entre”**



No seu texto, “A fenda como metáfora”, refere-se à fala de um psicanalista que se situa “entre dois”, isto é, numa “fenda”. Ao contrário do molde que é um “estar entre” material, a fenda é um “estar entre” por preencher, pode-nos falar um pouco sobre este lugar? A fenda?

<sup>vs</sup>: Esse texto é um texto que remete para uma revista que existiu numa certa época, nos anos 80, que se chamava “Fenda”, e portanto, esse texto tem um referencial histórico, não é um texto sobre psicanálise. Partiu-se na altura da ideia do Roland Barthes, de que nem a cultura nem a sua distribuição são inópticas, mas apenas a fenda entre ambas é que se torna inóptica. Era, portanto, esta ideia que se torna impossível de ter um discurso absolutamente fora do sistema.

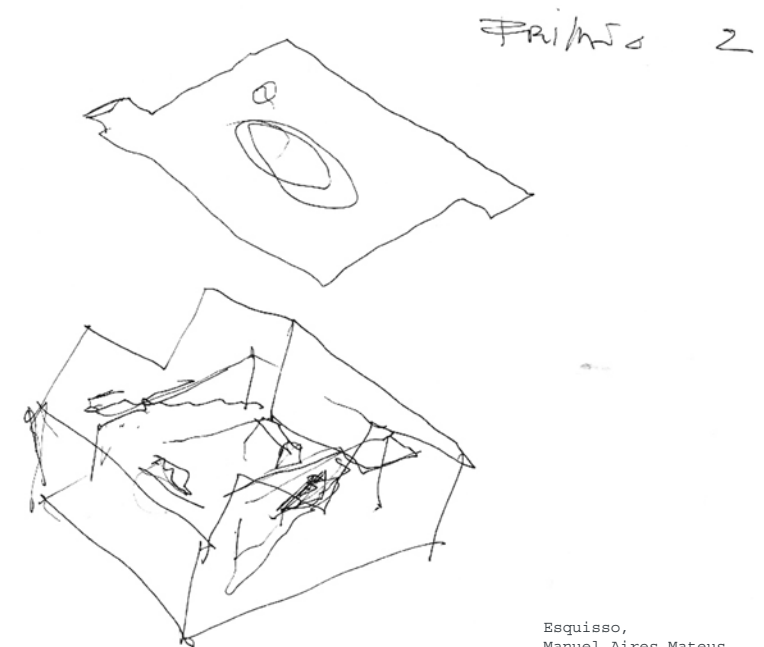
Do ponto de vista da psicanálise, é evidente que o entre-dois significa apenas que a psicanálise é o reino do intermediário. Isto é, não é um espaço vazio.

Mas também não foi dito que era um espaço vazio, e sim um espaço por preencher.

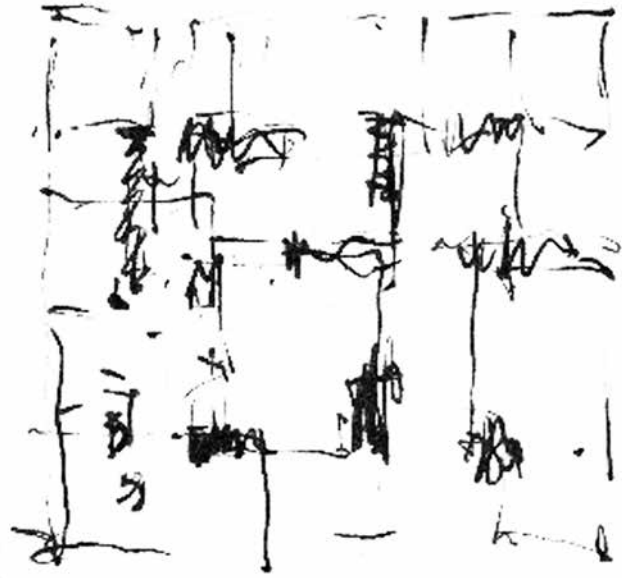
É um espaço para preencher. O pensamento freudiano é muito dualista. Pulsão de vida, pulsão de morte; Prazer, desprazer, ... portanto é muito dualista. Como os melhores psicanalistas, grandes autores, eles tinham sempre presente a mobilidade do mundo psíquico. Portanto, o que é que é uma experiência analítica?

Quem está numa sessão de análise, oscila entre o sonho -- que é o protótipo privilegiado para o mundo interno -- e o inconsciente, e aqui não é que o sonho hoje seja interpretado como no tempo do Freud, porque o que nos ficou foi o sonho-texto do Freud, isso é um paradigma. Para criar o edifício. O sonho, para Freud, o que é que fazia? Fazia aquilo que estava escondido no processo primário. Isto é, antes dos sete anos que nos esquecemos das memórias infantis. Aliás, a amnésia é uma espécie de reposteiro que corre sobre

as experiências infantis muito amesquinhas. E portanto, nós faríamos esse recalco. O sonho seria uma espécie de elevador que o iria lá buscar. Nós hoje, já não vemos as coisas dessa maneira. Quer dizer, o Sonho continua a ter esse estatuto teórico, mas damos um valor ao sonho, já com o estatuto prático, como experiência. E como experiência, na própria sessão analítica. Por exemplo há pacientes que sonham pouco, e por isso fazem-se análises sem sonhos. Há pacientes que sonham imenso e que trazem imensos sonhos. Mas é como trazer, às vezes, pedregulhos, que se põem entre ele e eu. E que amontoam aquele espaço, fazem uma grande engarrafamento ali, e eu fico baralhado no meio daquela coisa. Portanto, há o trabalho analítico, é entre dois, porque é, sobretudo, entre o sonho e a dor. E a dor é a que está na fronteira do corpo, na fronteira do psíquico, que está entre o Eu e o Outro, o dentro e o fora. Depois a fala, ou a escrita, eu escrevo pouco, porque tenho imenso pudor em escrever e é muito difícil de produzir teoria. A psicanálise não faz teoria desde a morte do Lacan... portanto não produz teoria. Portanto o que há é muita mastigação de textos essenciais... esta coisa de que as coisas têm de ter um progresso infinito, um desenvolvimento, etc... eu espero que a Psicanálise não progrida muito. Pelo contrário... ela tem é de voltar um pouco atrás.

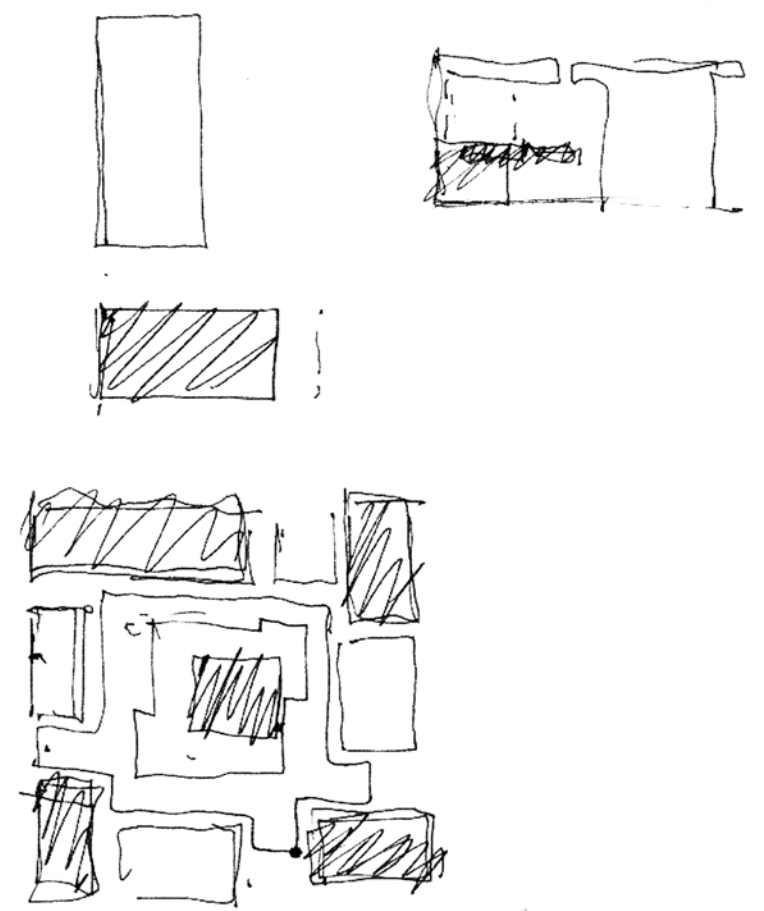


Esquisso,  
Manuel Aires Mateus



YUDES PUE SUSGODRAN  
 POUAN IN VONUS

Esquisso,  
 Manuel Aires Mateus



Esquisso,  
 Manuel Aires Mateus



<sup>VS/MP:</sup> Os Musa, para vocês definem-se como um projecto artístico baseado no diálogo. Disseram-nos, inclusivamente, que é “Através das palavras que conseguimos estar mais vivos”.

E o Vasco, no seu texto, também refere “o campo da fala (...) , como o lugar onde a experiência analítica se desenrola” e até chega a falar de uma outra linguagem que surge, dissociada da linguagem comum. Mas as palavras também dão aso a mal-entendidos. Na vossa perspectiva, qual é o papel e o contributo do equívoco para o Mundo?

<sup>VS:</sup> Sobre a fala... bem, nós não somos livres na nossa fala, essa é a primeira questão. Portanto, as técnicas de interpretação tiveram sempre isso em conta. A suspeita, a suspeita, não é? Por exemplo, Foulcault trabalhou muito isso, as técnicas de interpretação, por exemplo em Freud, em Marx ou em Nietzsche e partem de uma suspeita, e de facto, estes autores são considerados, os Mestres da Suspeita ao nível Da Modernidade.

E portanto, esta ideia em relação à linguagem, aquilo que dissemos, aquilo que está a ser apreendido, que tem por baixo outro significado, é uma coisa que vem dos gregos. A que eles chamavam a alegoria.

Também a outra suspeita é que há coisas para além da linguagem verbal, sei lá, a gente vê isso na poesia ...” o mar fala”, “o vento fala”, “os caminhos falam”,

etc...

Há esta suspeita sobre a linguagem. Portanto – simplificando -- na psicanálise, o que o paciente está a dizer, ele está a dizer o que está a dizer, mas que está sempre a dizer outra coisa. Há uma espécie de operação de deslocamento como o que fazemos nos sonhos... Portanto, está sempre a dizer outra coisa digamos que o trabalho do analista no fundo é um trabalho de tradução, e o que é que é difícil na tradução? Quem já traduziu textos, sabe disso. O maior problema do tradutor é traduzir o óbvio. Não são as coisas mais difíceis. Portanto, quanto ao mal-entendido, no meu campo, o mal-entendido, o equívoco ou o lapso, é sempre muito bem-vindo.

O Freud escreveu um livro sobre isso, “A Psicopatologia da Vida Quotidiana”, em que eu em vez de dizer mãe, digo irmã, pergunto: “Qual é a idade da sua mãe?” ... “43 anos” ... que é a idade dele. Então, isso para mim é ótimo.

Portanto, o mal-entendido, para mim é maravilhoso porque me dá o acesso directo, ou quase directo, ao inconsciente. Para o meu Mundo é bom. Para o Mundo em geral, não sei.

<sup>Mp:</sup> (e) Antes de começarmos a produzir esculturas ou objectos , nós trabalhávamos muito com conversas. Aliás surgimos com um site onde publicávamos (e que ainda temos on-line) monólogos, conversas que resultavam de conversas com pessoas que convidávamos e com guiões re-escritos, num processo mais ou menos de terapia em alguns aspectos.

Nietzsche acaba por dizer alguns dos seus aforismos, diz que a única razão para a linguagem existir é para nos entendermos em situações de perigo. Esta é uma teoria cosmológica, do início da linguagem. E se olharmos para tudo o que é dito, nesse sentido, ou nesse aspecto, é impossível... quer dizer, a linguagem existe porque os mal-entendidos são adquiridos. É adquirido que vai haver um mal-entendido. E isso fez-nos aceitar que o mal-entendido é mesmo o méttier do nosso trabalho.

Há, de facto, uma possibilidade de linguagem exterior a tudo aquilo o que nós concebemos como linguagem, e de alguma forma esse é o méttier de alguém que produz linguagem, ou isso deve ser o primeiro méttier de alguém que produz linguagem, seja artista, psicanalista ou arquitecto.

<sup>Mp:</sup> É um pouco ingrato e maravilhoso ao mesmo tempo, poder partilhar aqui estas cadeiras, porque os mal-entendidos são contínuos, não é?

Há um exemplo muito prático, em que o nosso trabalho se faz por exemplos, esses exemplos são coisas de facto vividas, mas que são transformadas, disse-cadas e eventualmente reproduzidas, reconstituídas, ínfimas vezes. Um desses

exemplos, tem a ver com um encontro que tivemos com um determinado homem em Guangzhou, na Coreia do Sul. Esse encontro foi seminal para nós. Como aliás, os primeiros encontros são. Por muito que talvez seja uma tendência nossa, mas também é uma descoberta ao longo dos anos, que estes primeiros encontros são de facto poderosos. E que é preciso sentirmo-nos enamorados e continuarmos a alimentar esse amor como uma espécie de cegueira dos olhos. Muitas vezes, faz-nos ouvir e ver o que queremos. E sermos tendenciosos, também, com aquilo que queremos ouvir e ver.

E este primeiro encontro, com este homem coreano, aconteceu num restaurante, o nosso coreano é muito mau, e o português deste homem também não era excelente. O inglês que partilhávamos era ínfimo, arcaico. E o que acontece é que este homem arranjou uma solução para este problema. Criou uma situação. Então esticou-nos uma mão, e pediu-nos que tocássemos na mão dele, na palma da mão dele. E perguntou-nos “Vêem? Vêem como é suave?”. É incrível alguém ter mãos suaves assim. Este episódio, que é bizarro à partida, é também essencial para nós, porque, suplantou, para já um problema de comunicação, claro. E criou um momento de pura intimidade. Que nós nunca mais podemos esquecer porque estivemos ali durante cinco minutos a afagar as mãos de outro homem, não é? Que tínhamos acabado de conhecer, é uma coisa que é dificilmente esquecível... e eram umas mãos extremamente suaves, das mãos mais suaves... eu não tenho propriamente as mãos muito calejadas... e o equívoco é ótimo.

Porque eu construí-o... e nessas relações quase patrimoniais, como ideia de toque em relação aos materiais, a possíveis interesses que nós pudéssemos ter, e nós criámos todo um Mundo de expectativas, sobre a intimidade criada sobre este toque. E isso transfigura-se e transmuta-se em tudo aquilo que nós temos feito a partir daqui. Portanto, os mal-entendidos são absolutamente produtivos para nós, centrais.

## Falando “no-que-está-entre”, e sendo a linguagem um elemento que está sempre entre duas coisas. Na sua perspectiva, de que forma é que as palavras ajudam a construir casas?

MAM: Vamos começar pelo mal-entendido. Eu acho que há um lado muito interessante do mal-entendido. E falo de uma parte do meu trabalho que é essa procura do mal-entendido. Essa procura tem muitas vezes a ver com a ideia de representações sucessivas, feitas com diversos modos e com diversos graus de verdade a tentar descobrir declinações do problema que gera campos de possível investigação no projecto.

Daí a insistência em eu achar muito importante uma reprodução que não é totalmente, chamemos-lhe científico, ou de outra maneira, exacta, que é o desenho à mão. Portanto, não é uma elaboração de máquina, é uma elaboração manual. E essas formas de representação, permitem-nos avançar, questionando o processo de um projecto. E nesse sentido é a procura dessa liberdade que é interessante.

O projecto da Casa é muito interessante, porque as pessoas envolvem-se muito, e o cliente que nunca é o decisor, é sempre o jogador.

Eu nesse sentido gosto imenso de estabelecer relações com os clientes, e estabeleço-as o mais possível. Mas não é porque ele é um decisor, ele é um provocador, e como tal, uma ferramenta para a construção da resposta e possivelmente para a identidade única, da possibilidade única da resposta, porque o que interessa em arquitectura é estabelecer o único. E portanto, o cliente como é sempre uma pessoa diferente, um cliente diferente, acaba por contribuir sempre para essa situação, mas nesse sentido do diálogo.

Obviamente que fazemos casas para as pessoas gostarem. Os clientes são muito importantes, o diálogo é muito importante porque, na verdade, projectam sempre um processo de resposta, ou de clarificação da pergunta. O nosso processo é essa pergunta e o cliente ajuda-nos muito a clarificar.

Quando eles não estão contentes com a resposta, quer dizer que nós temos de reformular a pergunta.

O processo da procura num projecto tem a ver com essa ideia de representação.

O caminho do nosso trabalho faz-se na representação.

A palavra é, e continua a ser, talvez a representação mais poderosa, embora

nós hoje estejamos muito habituados à representação pela imagem, simplificada, nós somos preguiçosos. A palavra continua a ser a grande representação. Que é intemporal. A palavra ultrapassa uma configuração possível da imagem... nós podemos imaginar, mas é a mesma relação que nós temos com os livros, não é? Que é extraordinário, porque num livro nós podemos ver imensos filmes. Num filme não vemos muitos livros. Portanto, a palavra, aí, tem um poder muito grande, e para a arquitectura tem exactamente o mesmo significado, é uma representação de uma enorme abertura de possibilidades.

## Vocês falaram muito mais da linguagem verbal do que da linguagem corporal. E por falar em psicanálise, a linguagem também é importante, porque o corpo também está sempre a falar de alguma forma e se calhar também fala desses equívocos.

<sup>vs</sup>: De facto, a psicanálise é uma talking cure...portanto, utilizando aqui uma linguagem médica, é uma cura pela linguagem. E portanto, o tipo de linguagem corporal, de alguma forma, fica em segundo plano. Mas ele existe, existe, sobretudo no face-a-face, embora o setting, o quadro onde se faz a psicanálise, é de facto um quadro rígido. Por exemplo, é diferente se você está face-a-face comigo ou se está deitada no divã. Na minha experiência de analisando (porque eu fiz análise muitos anos) eu, ao fim de muitos anos não sabia se conhecia o meu analista na rua. Porque eu não o via bem. Percebe? Porque se está deitado numa posição que é pouco humana, a falar com uma outra pessoa de costas.

Mas há uma linguagem. Por exemplo, eu tenho pacientes que no divã se viram; ou de barriga para baixo, ou que se põem de lado, ou que põem uma perna fora do divã, portanto... digamos que tudo é sintoma. E portanto eu dou atenção a isso.

Mas trabalhamos mais com os aspectos da linguagem. É evidente que o Freud

criou o divã numa altura em que o que dominava era a hipnose e ele era um mau hipnotizador. Portanto, ele criou uma solução de compromisso (era também muito tímido) e então afastava um pouco o paciente do face-a-face. Só que essa descoberta é um pouco como o post-it. Por exemplo a Teresen queria fazer uma cola muito poderosa e aquilo falhou a fórmula, e criaram o post-it. Foi uma grande invenção... portanto o divã foi uma grande invenção. Mas quem criou o divã não foi o Freud, foram os persas, era onde o sultão se deitava.

<sup>MAM</sup>: A arquitectura desenha-se a partir da nossa experiência sensitiva, no sentido do corpo, não é? Portanto... a nossa própria medida no espaço é feita a partir da dimensão do corpo. O Corpo é completamente central... é evidente que a arquitectura mede tudo a partir do corpo. Aliás na arquitectura, um dos problemas que existe hoje, e quem diz na arquitectura diz na construção, é a normalização. A normalização é que afasta a ideia de que nós medimos a arquitectura, a arquitectura teve tempos, não é?

Mas houve um tempo em que se media a casa. A Casa era feita a partir de algumas dimensões do corpo, por exemplo do pé ou da distância do calcanhar a certa parte da perna. A partir daqui é que se desenhava a casa. Depois a normalização destrói, destrói e afasta o indivíduo da arquitectura. Se vocês virem, isso acontece em todas as escalas, se vocês imaginarem, nós hoje, se tivermos de planear uma nova cidade, desenhamos aquilo que vocês vêem e são as cidades fora de Lisboa... qualquer cidade. Porque são aquilo que é a norma ou funcionalização da cidade que nos obriga. E nós continuamos atraídos por uma dimensão a partir de outras razões, uma das quais, a medida do nosso corpo. Do nosso corpo físico e do nosso corpo projectado. O poder do corpo é muitas coisas, não há só um lado completamente físico. Ou seja, Luís XIV não tinha o mesmo tamanho que o seu criado, ou se calhar até fosse mais baixo do que ele. O corpo é imanente, mas essas várias dimensões do corpo, são muitas coisas juntas, é a medida que mede a arquitectura. Nós tanto na cidade como na pequena dimensão, houve tempos em que o corredor se desenhava medindo... este é o meu corredor [ braços abertos a definir a medida do corredor] hoje tem 1.10m, não é?

E é isso que mata muito as relações, que na arquitectura eram muito mais estruturantes, que nós hoje, um dos trabalhos mais difíceis que temos é a procura das regras que possam quebrar as regras. A normativa que possa quebrar a normativa, para não desenharmos a partir de normativas, mas desenhar a partir de dimensões que nós percebemos, que são relações muito físicas. Uma fisicalidade e das imanências da fisicalidade...



XXXX, *Musa paradisiaca*



Desenho, *Musa paradisiaca*

*Unhomely*  
e o  
“mundo  
que bate  
à minha  
porta”





## O Vasco falou do “mundo que bate à minha porta”, mas o unhomely diz que o mundo já esta dentro de casa. Quer comentar isto?

*vs:* Essa frase é um verso. Portanto, mas a ideia é do Merlau-Ponty, não é? É que o Mundo está completamente dentro de mim e eu estou completamente fora de mim mesmo. Portanto era só isso... É evidente que as antigas portas tornavam as coisas mais interessantes para o mundo do espírito. Agora há portas automáticas, abrem-se logo não é? E não permitem a hesitação. Têm esse poder, não é? Elas abrem-se sempre. Eu podia chegar à porta e a porta ser um elemento fundamental para conter o nosso mundo espiritual. Agora não, temos umas portas de vidro, portas automáticas.

Mas a ideia era um pouco essa. Uma frase um pouco enigmática.

Por isso é que nós, Muitas vezes, falamos em.. mais do que uma comunidade, mais do que um grupo, ou de uma sensação grupal, há uma espécie de família, de afinidades, que aqui nasce, quem tem vindo a ser criada quase ao longo destes quase 10 anos de trabalho. E que vai para lá do ponto de vista das relações profissionais, na verdade, uma relação de habitação continuada, inter-par, e esta é uma relação que nunca se fixa. Nunca será a mesma ao longo do tempo. Portanto, no fundo, habitamos os outros.



*“...o Miguel mora numas  
águas-furtadas e eu moro  
num rés-do-chão.”*

Musa paradisiaca [Eduardo Guerra]

as  
ca-  
sas  
de-  
les

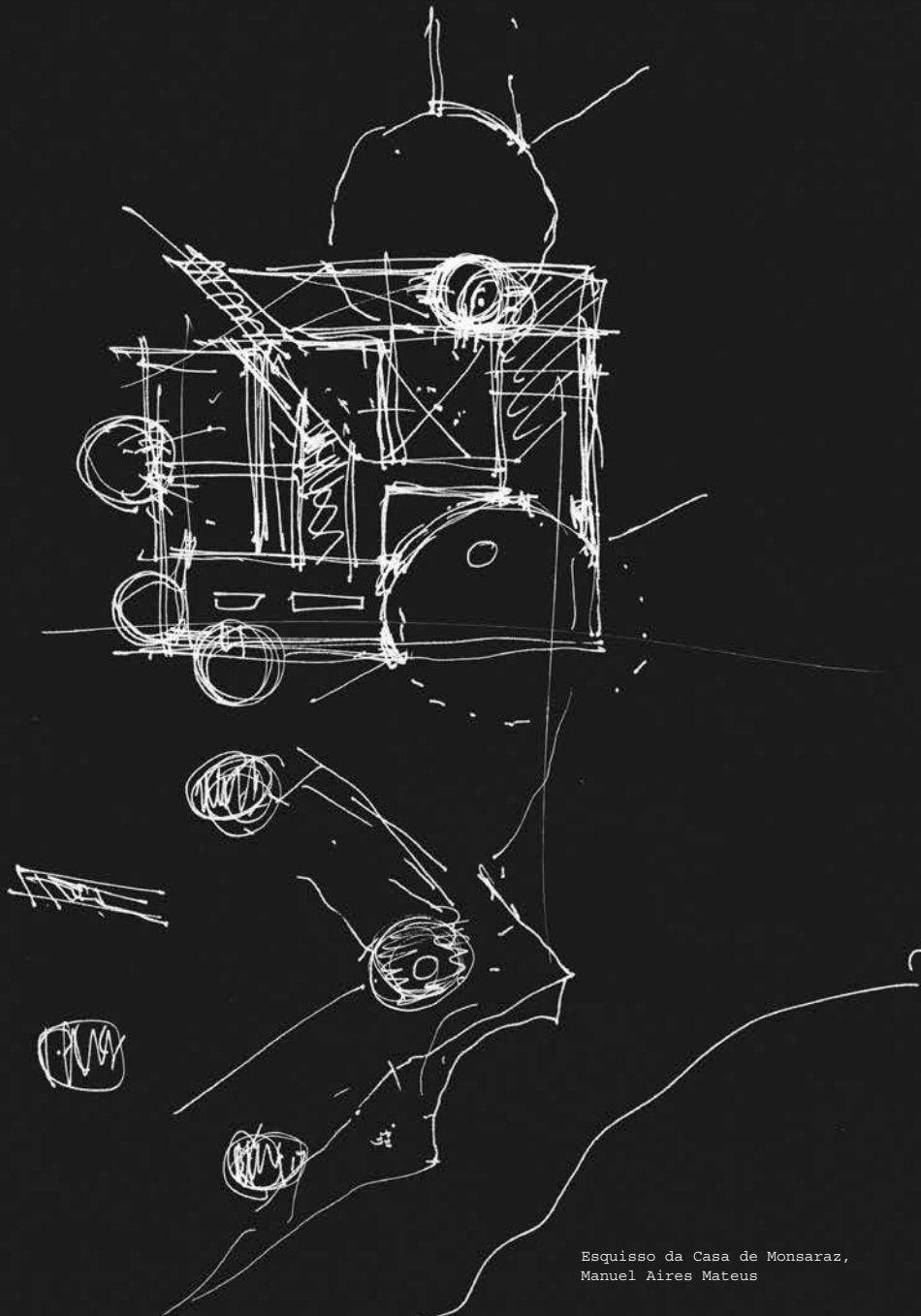
**Vocês nas vossas disciplinas pensam sempre a partir da casa do outro, sobre o outro, não é? Projectam, analisam, criam. Esse espaço arquitectónico, mental, das ideias... eu perguntava-vos agora como é a vossa própria casa. A vossa casa pessoal. Como é que operam esse vosso mundo pessoal.**

VS: Eu gostava de morar na casa do Manel... não sei como é que ele conseguia viver na minha casa. Mas a minha casa foi uma casa feita por um arquitecto, mas eu não consigo pôr um balde, uma esfregona, ... Portanto eu estou disponível para ir para casa do Manel...

MAM: Vamos lá ver, há uma coisa aqui curiosa. Eu não desenhei a casa do Vasco, mas desenhei os consultórios, as salas-consultório do Vasco. E há qualquer coisa que nos uniu dessa relação. A nossa relação nasce no desenho do primeiro consultório. E na verdade, na verdade, há uma grande intimidade na ideia, no desenho, da Casa, que é uma intimidade que nós muitas vezes até temos de nos afastar, porque há uma grande intimidade no desenho. O desenho da casa, o desenho, essa relação, se as pessoas se expõem muito... está aqui uma relação construída nisso, não é? Enfim... depois construiu-se muito por outras coisas, muitas outras ajudas, de outras "casas" que o Vasco também me tem dado, mas... construiu-se muito nisso. O desenho na possibilidade da partilha, da procura de um lugar, que para o Vasco era muito importante que era a "Fenda" e o consultório. Eu não desenhei a casa do Vasco mas....

VS: Eu não tinha dinheiro... e isso é um problema.

Mp - MF: No nosso caso é muito simples... A nossa casa são três casas. As duas casas que ficam nos topos e a casa do meio que é o atelier. As outras duas ca-



Esquisso da Casa de Monsaraz,  
Manuel Aires Mateus

sas, são as nossas próprias casas, e é o único sítio onde podemos estar um sem o outro. Que é uma coisa muito positiva de vez em quando. Porque seja aqui, seja a viajar, estamos sempre os dois. Portanto todos os momentos em que nós possamos estar a pensar que o tipo está lá no outro sítio, talvez a pensar no mesmo que eu, mas não está aqui à minha frente a olhar para mim. Isso é um tempo saudável. O espaço do meio, que é literalmente no meio, porque a nossa casa-comum, o nosso atelier fica precisamente entre as duas colinas onde estão as nossas casas. Vagamente à mesma distância, que é para ninguém ficar em vantagem. O atelier é exactamente esse espaço que muda todos os dias, basicamente, connosco. E é o espaço onde também nós recebemos mais pessoas. Portanto essa talvez seja, para a Musa, a verdadeira Casa... porque é uma escola, é uma oficina, é uma casa que recebe, que dá refeições de vez em quando, ... é o espaço que acolhe. Os outros dois são espaços de individualidade. Mas muitas vezes jantamos na casa um do outro.

<sup>Mp</sup>: Queria só dizer uma coisa... e que é fundamental, porque o Vasco há bocadinho falou de um 5a andar, e o Miguel mora numas águas-furtadas e eu moro num rés-do-chão.

<sup>Vs</sup>: Isso é interessante... deixe-me acrescentar... essa ideia da verticalidade da casa é uma questão interessante na psicanálise porque o Freud dizia que no sótão temos a parte consciente ou pensante, e na cave está o inconsciente. Eu estava a falar da Casa... mas talvez para mim a minha maior casa, a casa mais fértil tenham sido os livros. Também é interessante ver a relação com a idade. Quando era mais novo dava muita importância à Casa Física. Imaginava casas grandes, com vista, à frente o Tejo, atrás Sintra... hoje não penso muito nisso.

Uma vez estava num restaurante no Paço da Rainha, que era junto do meu primeiro escritório que era em Lisboa e eu estava de costas e vi assim uns tipos a abraçarem-se atrás e a dizer “Epá, fiz um negócio extraordinário”, comprei por não sei quantos mil contos e não sei o quê... eu virei-me para ver e eram dois homens ainda na casa dos trinta e cinco. Ele tinha comprado um jazigo. E estava muito contente por ter trinta e cinco anos e já ter um... é porque deve ser difícil comprar jazigos.

<sup>MM</sup>: É interessante, é curioso, porque nós estamos neste momento a projectar um jazigo. A remodelar um jazigo ali nos Prazeres. Por acaso nos Prazeres temos esse problema... os jazigos são difíceis de comprar... há muito poucos. Não é fácil arranjar um jazigo... Mas é engraçado, porque esta pessoa se mostrou sempre muito preocupada com o Jazigo. É um factor de descanso, a ideia que se tem uma morada... uma Morada, a ideia

de uma Morada.

Mas é engraçado o Vasco estar a falar nisto, porque tenho o mesmo problema que o Vasco. Porque para mim as Casas eram o problema de as habitar, hoje em dia isso interessa-me menos, interessa-me mais a ideia de as conceber, e cada vez mais a Casa... se eu falasse mesmo do íntimo, de como a minha vida é íntima, resume-se a um caderno e uma caneta. E isto é minha intimidade. Creio que isto terá a ver com a idade, com a idade vamo-nos desprendendo das coisas, embora para mim a ideia da Casa, não é a ideia da minha Casa, mas a ideia da Casa aspiracional, a ideia que não se descobre.

<sup>Vs</sup>: Só aqui um apontamento... porque nós falamos sempre de intimidade, e a propósito deste tema “A Casa e o Mundo” e desta liquidez entre a Casa e o Mundo e este mundo líquido e tudo isso. Há um conceito que veio do Lacan e que hoje está a ganhar muita força. É que a intimidade é um conceito da Modernidade. E agora há muito teorização sobretudo por parte dos antropólogos, que é o conceito da extimidade, não é? Da extimidade, onde a Casa passaria a ser apenas um sítio onde nós recebemos e emitimos mensagens. Portanto, a ideia de que está tudo exposto. E embora hoje esteja tudo instamagrado, está tudo no face, a ideia de que tudo está exposto é falsa. Nós hoje temos, talvez, mais segredos do que antigamente. Só que são segredos que não podemos contar aos nossos conhecidos.

Mas estamos num tempo estranho que é um tempo... a psicanálise foi construída sob a ideia de pulsão e de desejo, e hoje isso está em declínio. Quer dizer, o Édipo é substituído pelo Narciso, e portanto, o que acontece, é que se valoriza o instantâneo e não o sublime, ou a sublimação, mas o instantâneo, a gratificação imediata, e portanto o prazer. Porquê? Porque o capitalismo apropriou-se do amor. Tal como tinha feito com o espaço e com o tempo. Agora também se apropriou do amor. E isto coloca problemas à minha profissão, enfim... já estou um bocado velho, mas temo que a psicanálise vá ficar, no futuro, como um velho medicamento numa gaveta de farmácia. Esquecido.



GABINETE DE DESENHO

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

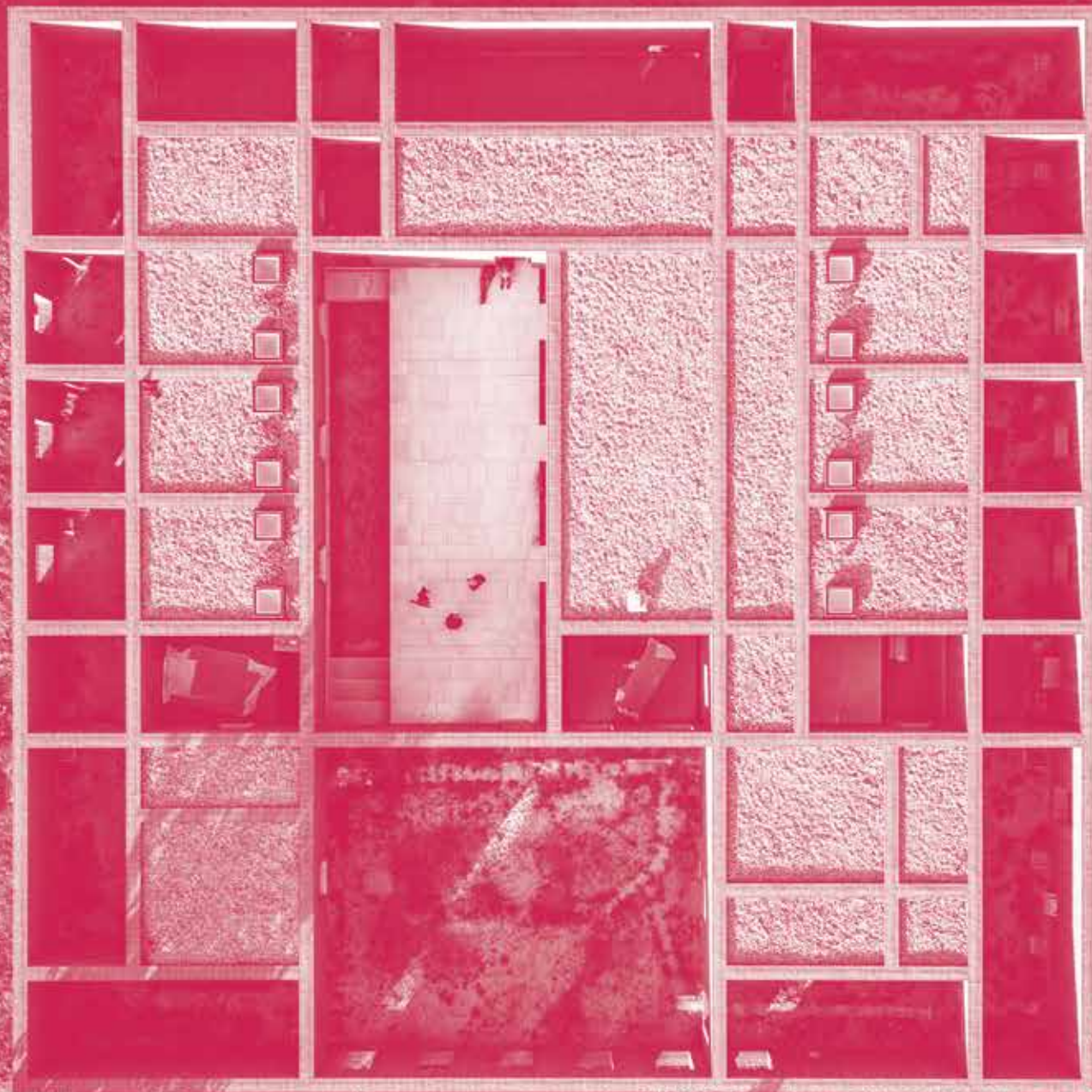
RESO CALPEZ

RESO CALPEZ

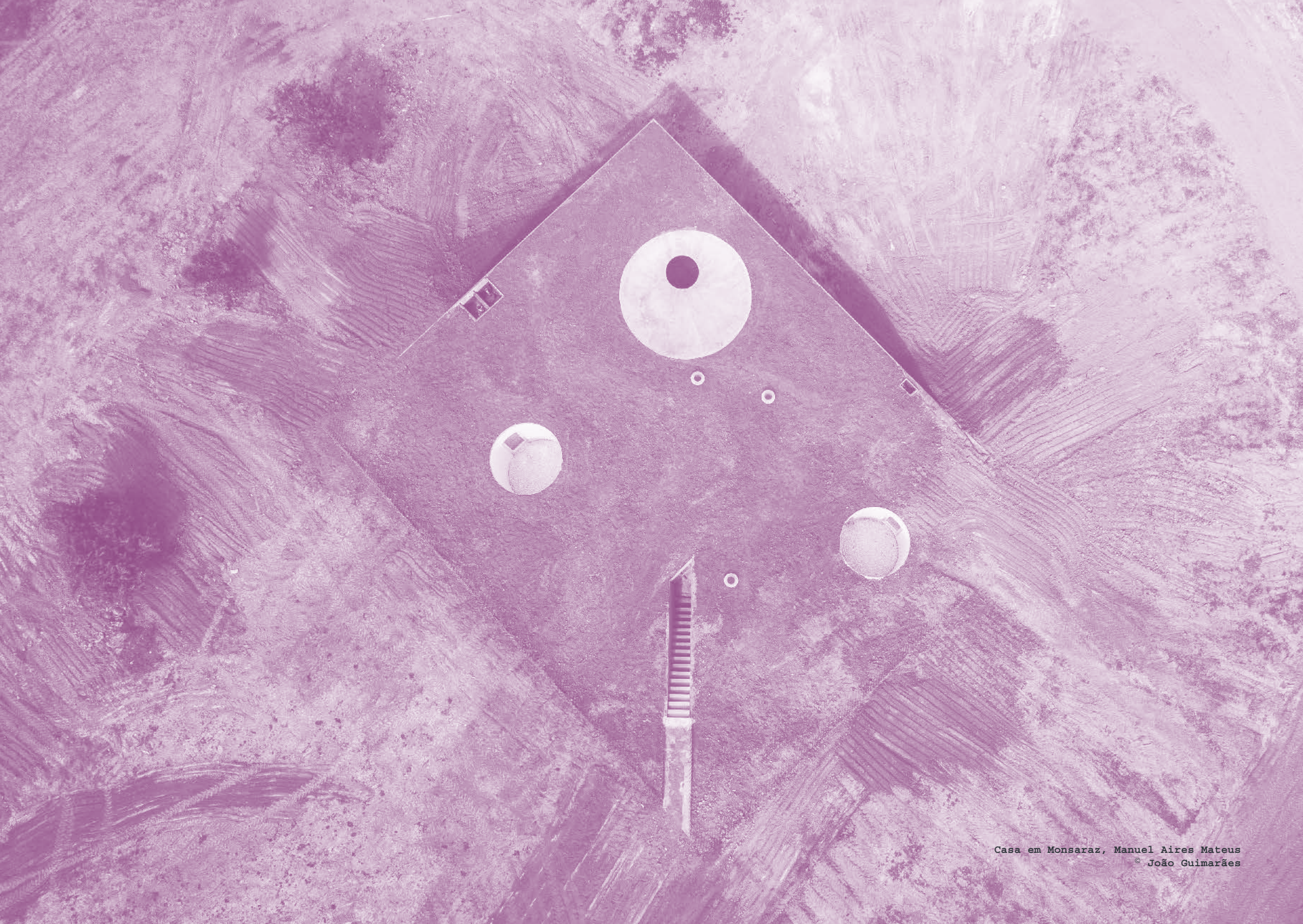
*“...portanto, no fundo,  
habitamos os outros”*

Musa paradisiaca [Miguel Ferrão]











EDIÇÃO Luísa Sol (Conteúdos e Edição), Ana Teresa Ascensão (Design e Edição)

TEXTOS Conversa com Manuel Aires Mateus, Musa paradisiaca e Vasco Santos e texto de Homi K. Bhabha “The World and the Home”

TEXTO INTRODUTÓRIO E TRANSCRIÇÃO DA CONVERSA : Luísa Sol

DESIGN Ana Teresa Ascensão

TRADUÇÃO do texto de Homi K. Bhabha “The World and the Home” (Inglês-Português):

José Pedro Baptista

FOTOGRAFIAS © imagens e textos: dos autores

IMPRESSÃO Europress

TIRAGEM 500 exemplares

FONTES: Grifo — Rui Abreu; Circular

ISBN: 978-989-20-9083-2

DEPÓSITO LEGAL: 450338/18

A publicação segue o Acordo Ortográfico de 1945.

LATA edições, 2018

APOIO  
República Portuguesa – Cultura / Direção-Geral das Artes



APOIO À REALIZAÇÃO DA CONVERSA



edição por Luísa Sol e Ana Teresa Ascensão  
a partir da conversa com Manuel Aires Mateus,  
Vasco Santos e Musa paradisiaca

A CASA  
E  
O MUNDO